

O JORNAL IMPRESSO COMO INTERMEDIÁRIO ENTRE O FATO NOTICIOSO E A CANÇÃO POPULAR DURANTE O GOVERNO GETÚLIO VARGAS

Nilton de Aguiar Borges¹

RESUMO

Este artigo pretende evidenciar o papel de intermediário que o jornal impresso representou, entre os agentes da notícia e a produção musical brasileira. O período compreende o governo de Getúlio Vargas; da chegada ao poder em 1930 até sua morte em 1954. A escolha do período deve-se a intensa turbulência entre revoluções, golpes e contragolpes, além de uma guerra mundial que abalou a estrutura política do mundo e do Brasil. Tais acontecimentos geraram farto noticiário exposto nas primeiras páginas, mostrando a posição dos jornais; ora combatendo, ora aprovando o momento político. O fato jornalístico pautou o jornal, e o jornal inspirou artistas e compositores. Esses últimos criaram músicas que se perpetuam por gerações. Assim, prolonga-se através dos tempos o acontecimento jornalístico em forma de canção. A estrutura do trabalho consiste primeiramente em contextualizar o acontecimento histórico, em seguida o tratamento jornalístico do fato, e finalmente a canção nascida do noticiário.

Palavras-chave: Getúlio Vargas, jornal impresso, jornalismo, Época de Ouro do Rádio, Época de Ouro da Música Brasileira.

ABSTRACT

This article intends to show the role of intermediary that the printed newspaper represented, between the agents of the news and the Brazilian musical production. The period includes the government of Getúlio Vargas; from his arrival in power in 1930 until his death in 1954. The choice of period was due to the intense turbulence between revolutions, coups and counter-coups, as well as a world war that shook the political structure of the world and Brazil. These events generated a great amount of news presented in the first pages, showing the position of the newspapers; now fighting, or approving the political moment. The journalistic fact guided the newspaper, and the newspaper inspired artists and composers. The latter created songs that have been perpetuated for generations. Thus, the journalistic event in the form of a song is prolonged through time. The structure of the work consists first of contextualizing the historical event, then the journalistic treatment of the fact, and finally the song born of the news.

Keywords: Getúlio Vargas, newspaper, journalism, Golden Age of Radio, Golden Age of Brazilian Music.

¹ Graduando do curso de Jornalismo. Faculdade Sociesc de Blumenau. - eumar.silva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo mostrará como os jornais serviram de intermediários entre os agentes da notícia e canções populares durante o período em que Getúlio Dornelles Vargas assumiu o poder: de 1930, até sua morte em 24 de agosto de 1954. A ambientação a esta época se aterá aos seguintes acontecimentos: a Revolução de 1930, a Revolução Paulista de 1932, a implantação do Estado Novo em 1937, o retorno de Vargas via eleições diretas em 1950, e sua morte em 1954.

Este trabalho lançou mão de pesquisa bibliográfica, tanto física quanto virtual, por identificação qualitativa. A pesquisa examinou periódicos digitalizados, mas essa digitalização apenas os preservou como documento, sem conseguir a restauração dos mesmos. Sendo assim, mesmo digitalizados, alguns jornais se mostraram ilegíveis, seja pela ação danosa do tempo e tudo o que ele acarreta, ou pelo uso das fontes diminutas – modelo utilizado à época.

O período escolhido decorre da observação histórica de que foi um dos mais conturbados do Brasil república. Ditadura, democracia, revoluções, golpes, contragolpes, tentativas de tomada do poder à força e uma guerra mundial agitaram o país durante três décadas, gerando farto noticiário e canções que surgiram destes noticiários. É também neste período que estão a Era de Ouro do Rádio e Época de Ouro da Música Brasileira. (RIBEIRO, 1986, item 653)

O trabalho julga importante revelar a relação entre os acontecimentos, as notícias e as criações musicais, ao mesmo tempo que resgata esse fértil período da história do Brasil, tanto social quanto culturalmente, além de repassar às gerações futuras de pesquisadores e interessados, uma melhor compreensão do passado.

Um povo que conhece o seu passado, que valoriza os grandes feitos, que identifica seus protagonistas tanto para o bem quanto para o mal, tem maior facilidade em aprender e não repetir erros históricos. Um povo que se inteira da história de seu país, tem a possibilidade de alcançar maior desenvolvimento humano e não deixar que tiranos de qualquer matiz solapem sua liberdade e seu senso de justiça.

Ressalta-se também que não foi encontrado durante a feitura deste trabalho nenhuma outra produção, que tratasse destes três elementos em conjunto e sua relação: agentes da notícia/tratamento jornalístico/canção.

O presente trabalho adota uma estrutura que consiste primeiramente em explicar o contexto do fato noticioso. A este item dá-se o nome de **Agente da notícia**. Em seguida apresenta o **periódico** com um breve histórico e a importância dada ao fato ocorrido – de acordo com o a reprodução textual da manchete e a linha de apoio veiculada na primeira página. A este item dá-se o nome de **O jornal**. Por último apresenta as letras das canções, os intérpretes e os compositores, inspirados no que foi noticiado. A este item dá-se o nome de **A canção**.

1.2 O BRASIL POLÍTICO/SOCIAL DE 1929/1930

Com instauração da República em 15 de novembro de 1889, o Brasil sai do regime monárquico, centralizado na figura do imperador Dom Pedro II, e entra na fase das eleições e da autonomia dos estados. Era a República Velha, período marcado pela alternância no poder entre paulistas e mineiros, assim chamada de política do café-com-leite. Outra característica da República Velha eram as eleições a bico de pena², expressão usada para descrever as fraudes na apuração dos votos, onde as atas de contagem eram alteradas pela pena dos mesários indicados pelo poder dominante.³

O período configura o domínio das classes poderosas sobre a sociedade, representadas pelo patriarcado agrícola-industrial e os coronéis do sertão, sobretudo nordestino. A proclamação da República não aplacou as diferenças sociais nem democratizou o país. As elites econômica e política mantiveram o poder às custas dos currais eleitorais, do arbítrio e do poderio de famílias que dominavam as chefaturas estaduais (RIBEIRO, 1986, item 667).

A república do café-com-leite chega em 1929 abalada negativamente pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York em outubro do mesmo ano. A produção do café, produto de exportação e maior provedor de divisas brasileiro, entra em crise provocando falências, desemprego e desespero em quase todos setores da economia nacional. A produção do café não para de subir, no entanto, em contos de réis, seu valor vem caindo gradativamente. (CARONE, 1982, p. 25) Na intenção de ajudar os cafeicultores o governo paulista passa a estocar o produto em armazéns na tentativa de garantir o preço e o lucro no mercado. “Os armazéns reguladores e o porto de Santos, abarrotados de café, passaram a ser apelidados de ‘cemitérios de café.’” (NETO, 2012, p. 369)

A economia brasileira está em crise, e para agravar a instabilidade do quadro político, econômico e social, o esquema de poder é quebrado pelo então presidente da república, Washington Luís, que deveria ceder a cadeira de chefe de estado do país a um mineiro. As eleições para presidente aconteceriam no dia 5 de março de 1930 e Washington Luís escolhe como sucessor outro paulista: Júlio Prestes. Assim anula o roteiro que colocaria como presidente o mineiro Antônio Carlos de Andrada.

Durante a República Velha, na década de 1920, ocorreram vários atos de rebeldia e insubordinação dentro do exército. Em 1922 três revoltas militares afrontaram o poder político e fomentaram a quebra da hierarquia; todas no Rio de Janeiro: a revolta da Vila Militar, a Revolta dos Cadetes da Escola Militar de Realengo e a mais proeminente, a Revolta dos 18 do Forte. O forte em questão é o Forte de Copacabana. Essa revolta foi conduzida por tenentes do exército, que desencadearia o Movimento Tenentista, fundamental no apoio à tomada do poder em 1930. (RIBEIRO, 1986, item 447) Houve mortes entre os revoltosos e os sobreviventes foram condenados à prisão.

Em 1924 os militares deflagram outra revolta programada para ocorrer simultaneamente em todo o país, mas que alcança apenas os estados de São Paulo, 2 Eleições a bico de pena: vide: <https://www.blogsoestado.com/flaviobraga/2010/10/26/a-eleicao-a-bico-de-pena-na-republica-velha/>

3 República Velha: vide <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/republica-velha.htm>

Mato Grosso, Amazonas, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Em São Paulo os militares revoltosos tomaram o poder por três semanas, e em Manaus por cinco meses até serem derrotados pelas tropas federais. Os atores dessas revoltas, protagonistas ou secundários, seriam de suma importância na vitória da revolução de 1930. (RIBEIRO, 1986, item 484)

Preterido à presidência, o então governador de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, se alia aos governos do Rio Grande do Sul e da Paraíba – também excluídos da sucessão presidencial – e fundam a Aliança Liberal, para disputar as eleições, tendo em comum acordo a escolha de um gaúcho como candidato. Este gaúcho era Getúlio Vargas que perde a eleição num resultado duramente contestado e acusado de fraude. A partir daí as conspirações para tomada do poder ganham corpo; a saída é a revolução. (RIBEIRO, 1986, item 623)

Em 26 de julho de 1930, acontece o assassinato por motivos passionais do governador da Paraíba, João Pessoa, que compunha a chapa de Getúlio como vice-presidente pela Aliança Liberal. (RIBEIRO, 1986, item 657) O fato desencadeia forte comoção nacional que insufla os ânimos dos insatisfeitos. Dentro desse ambiente está a população desempregada e sem perspectiva de melhora, já que a crise do café destruiu a economia e provocou falências, desemprego e suicídios. (RIBEIRO, 1986, item 623) Os tenentes que vinham causando revoltas e se amotinando desde 1922, encontram enfim apoio nas diversas classes sociais para suas aspirações. Os planos para a tomada do poder culminaram no dia 3 de outubro de 1930, quando começa a revolução. No dia 24 do mesmo mês Washington Luís é destituído e Getúlio Vargas assume o posto de Chefe do Governo Provisório.

Assim o Brasil entra em 1930, ano da revolução, com 37,6 milhões de habitantes “[...] afundados na miséria resultante da crise econômica mundial”. (RIBEIRO, 1986, item 623) Getúlio Vargas, agora chefe do país, tem a simpatia da população; está no centro das atenções. Fora presidente do Rio Grande do Sul (àquela época os governadores eram intitulados presidentes), ex-ministro da fazenda de Washington Luís, candidato derrotado à presidência da república e agora chefe vitorioso da revolução.

Getúlio representa a esperança de dias melhores. Seu nome está na boca do povo. Começa assim a glorificação de Getúlio e da revolução; glorificação esta que se assentará de vez no Estado Novo, de 1937 a 1945, com a implantação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) - órgão de censura, porta-voz dos feitos do governo e instrumento de culto à figura de Getúlio Vargas.

1.3 O JORNAL IMPRESSO NO BRASIL

A chegada da família real portuguesa ao Brasil em 22 de janeiro de 1808⁴, como transferência do reino português, trouxe a literatura com a biblioteca real e também o primeiro jornal impresso, a Gazeta do Rio de Janeiro. A primeira edição saiu em 10 de setembro de 1808. Era o único jornal permitido pelo reino e dessa forma, funcionava

4 Chegada da família real: vide <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/gazeta-do-rio-de-janeiro-2/>

como veículo oficial de notícias da então sede do império.⁵

Antes da chegada da corte, a imprensa era proibida e os rigores da censura continuaram na Gazeta do Rio de Janeiro, que só informava aquilo que era de interesse do reino. A censura durou até 2 de março de 1821 e a Gazeta do Rio de Janeiro foi extinta em 31 de dezembro do ano seguinte.

Ao longo do tempo a imprensa nacional foi desenvolvendo seu maquinário com peças adquiridas da indústria norte americana e alemã e se servindo de ilustradores, desenhistas e anunciantes. Exemplo disso foi o jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, que ao modernizar seu parque gráfico, possibilitou a criação de seções editoriais, como Seção de Comércio, Letras e Artes, Dia Social, Teatro, e Dia da Caserna. (BRASIL, 2014):

(...) novas rotativas da marca Man, de Dusseldorf, foram instaladas nas oficinas do Correio da Manhã, que funcionava até então com uma impressora Scott incompleta. Em 1933 esse maquinário novo possibilitara algumas inovações editoriais, como a criação de manchetes e de seções infantis, femininas, de rádio e de agricultura, entre outras, tendo sido mantido na ativa até 1958, quando foi substituído por uma rotativa norte-americana Hoe.

Nos primeiros anos da década de 30, mais precisamente em 1933, existia no Brasil 2.002 jornais, entre imprensa oficial e particular. (IBGE, 2017)

1.4 O RÁDIO E A CANÇÃO POPULAR

A década de 1930 foi a década de ouro do rádio. Com a inauguração da Rádio Nacional no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1936, este veículo alcançou dimensões antes nunca vistas. O Rio de Janeiro, então capital federal, era o caldeirão musical do Brasil. Para lá se confluíam pessoas de todas as partes da nação, em busca de trabalho, vida melhor e, no caso daqueles que tinham talento e aspiravam a fama, era o caminho certo para a carreira artística. A programação da Rádio Nacional consistia em radionovelas, programas de humor, programas de auditório e, principalmente, programas musicais. Para isso contava com elenco de artistas, músicos, maestros, equipe de técnica e locutores, e outros profissionais. (EBC - Empresa Brasil de Comunicação)

Com tanto sucesso, alcance e audiência, a Rádio Nacional foi estatizada pelo governo Vargas durante o Estado Novo, em 8 de março de 1940. A partir daí a emissora ganhou mais força. A renda dos patrocinadores foi revertida em melhorias, tanto no aspecto artístico quanto na parte operacional e profissional. Com a morte de Getúlio Vargas em 1954, a Rádio Nacional entra em declínio; também pelo surgimento da televisão, que provocou a fuga de patrocinadores para esse novo veículo. (EBC - Empresa Brasil de Comunicação)

A profusão de artistas, cantores, músicos e compositores que aportavam no Rio de Janeiro fez da cidade a mais musical do Brasil. Migrantes que traziam a cultura

⁵ Modernização da imprensa: vide <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>

cancioneira de seus estados de origem transformaram o Rio de Janeiro na capital da embolada, da marchinha de carnaval, do baião, do xote, do xaxado, da valsa, do coco, do samba, da música caipira, dos ritmos sulistas, do choro, enfim, de tanto quanto havia como expressão nacional genuína.

As emissoras de rádio se serviram fartamente dessa seara infindável de artistas, que se tornaram tão populares quanto as figuras políticas. A classe artística, sobretudo a musical, soube usar os temas políticos e traduzir isso em canções. As músicas variavam entre tratar exclusivamente do assunto, ou fazer referência dele em certos trechos da letra. Essa foi a chamada Época de Ouro da Música Brasileira.

2. AGENTES DA NOTÍCIA / O JORNAL / A CANÇÃO

De acordo com que foi citado na introdução, a estrutura deste trabalho consiste em explicar o fato noticioso (Agente da notícia), o tratamento do fato dado pelo jornal (O jornal) e, por fim, a música que dele foi gerada (A canção). A seguir, a apresentação deste conteúdo.

2.1 REVOLUÇÃO DE 1930

O Brasil entra na década de 30 com a maioria da população e os jornais impressos apoiando Getúlio e a revolução.

2.1.1 AGENTE DA NOTÍCIA

A revolução foi deflagrada em 03 de outubro de 1930, mas a veiculação de notícias sobre o acontecimento só viria depois de mais de 20 dias, pelo fato de que a célula da ação ter sido o Rio Grande do Sul e que de lá, a liberação de informações foi controlada pelos rebeldes. Os correios e telégrafos e a Agência Americana, órgão oficial do governo daquele estado, foram dominados pelos insurgentes. Também ficou sob controle as embarcações fundeadas no litoral do Rio Grande do Sul, com a proibição do uso do telégrafo, como determinava a ordem expressa em ofício: “Fica igualmente proibida qualquer transmissão radiotelegráfica pela estação de bordo, sob pena de fuzilamento”. (NETO, 2012, p. 482)

Além da proibição exercida pela revolução, havia também a censura do Governo Federal, que desde o dia 19 de outubro, proibiu veiculação de notícias sobre as colunas revolucionárias armadas, vindas da Paraíba e do Rio Grande do Sul, rumo à capital federal. (BRASIL, 2014)

Ressalta-se também que a revolução começou em 3 de outubro e se declarou oficialmente vencedora com a prisão do então presidente da República, Washington Luís, em 24 do mesmo mês. Somente daí em diante os jornais publicaram notícias sobre o fato, de acordo com a situação já estabelecida e concretizada.

No poder, Getúlio firmou uma imagem popular que consistia em sair do Palácio do Catete sem guarda-costas, ir ao dentista de táxi dispensando veículo oficial, ou se misturando aos caminhantes durante passeios. (NETO, 2012, p. 24) Essa imagem trouxe a Getúlio popularidade e também a simpatia do povo.

2.1.2 JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RIO DE JANEIRO)

O Diário de Notícias foi fundado em 12 de junho de 1930 na cidade do Rio de Janeiro, por Alberto Figueiredo, Nóbrega da Cunha e Orlando Ribeiro Dantas, mentor da iniciativa e diretor do jornal. Os três vieram de outro periódico, O Jornal, de propriedade de Assis Chateaubriand. O Diário de Notícias encerrou suas atividades em novembro de 1976.

O Diário de Notícias nasceu em plena disputa pela presidência, e logo entrou na crítica política, mostrando-se contra o candidato Júlio Prestes, bem como seu aliado, o presidente Washington Luís. O jornal apoiou a causa da Aliança Liberal e o candidato, Getúlio Vargas.

Logo vindo a integrar a agitação no debate junto à opinião pública ao aderir à causa opositora, da Aliança Liberal, como fez boa parte da imprensa, em sua declaração de princípios o jornal vinha disposto a lutar contra as oligarquias, visando à transformação social pela reforma e pela substituição de estruturas de governo. (BRASIL, 2015)

Getúlio tomou posse como chefe do Governo Provisório em 3 de novembro de 1930, no dia seguinte, o Diário de Notícias veicularia sua edição com o seguinte destaque:

“A Junta Provisoria empossou hontem o dr. Getulio Vargas no cargo de chefe do governo da Republica

- *O povo, em massa, entrou pela primeira vez no Palácio do Catete*
- *Como decorreu a cerimônia da transmissão do poder*
- *Os discursos trocados*
- *Como ficou constituído o novo ministério*

“A posse do sr. Getúlio Vargas, como chefe do governo brasileiro, revestiu-se de um caracter eminentemente popular. Foi um acto tocante de simplicidade, em que o povo collaborou não só com a sua presença, mas tambem com os seus applausos, interrompendo, por vezes, o discurso de s. ex. com um “apoiado”, ou um “muito bem”, como soberano que é o julgamento dos homens guindados ao poder pelo seu discurso poderoso”. (sic) (FBN, 2017)

2.1.3 A CANÇÃO

A música a seguir traduz a imagem popular que Getúlio transferia, tanto que o

nome da canção se refere a um tratamento de intimidade, dado comumente aos mais próximos. O compositor Lamartine Babo refletiu esse apreço, criando essa marchinha de carnaval, lançada em 1931 e interpretada pelo Bando dos Tangarás. O Bando dos Tangarás era formado por Alvinho, João de Barro, Henrique Brito, Noel Rosa e por Almirante, que fez a voz principal. (ALBIN, 2017)

Gê-e-gê (Seu Getúlio)

“Só mesmo com revolução / Graças ao rádio e ao parâbelum / Nós vamos ter transformação / Neste Brasil verde-amarelo / Ge-e-Gê / T-u-tu / L-li-o- / Getúlio / Certa menina do Encantado / Cujo papai foi senador / Ao ver o povo de encarnado / Sem se pintar mudou de cor / Ge-e-Gê / T-u-tu / L-li-o- / Getúlio”

2.2 REVOLUÇÃO PAULISTA – 1932

Os paulistas se rebelam em nome da causa constituinte e a redemocratização, mas segundo Getúlio, queriam de volta o poder perdido com a revolução de 30.

2.2.1 AGENTES DA NOTÍCIA

O Brasil mal saíra da fornalha revolucionária de 1930 e já em 1932, enfrenta a Revolução Constitucionalista de São Paulo. A corrente explicativa mais comum é de que os rebeldes lutavam por uma nova constituição que trouxesse de volta a democracia e eleições diretas para escolha do novo presidente. Entretanto, Getúlio Vargas, posto pela Revolução de 30 no cargo de Chefe do Governo Revolucionário até 1934, contesta essa versão: “Dizem-se constitucionalistas. Mas isso é pretexto. Há mais de um mês nomeei uma comissão para elaborar o anteprojeto da nova constituição” (NETO, 2013, p. 98). De fato, o decreto estava publicado em maio de 1932 e a revolução aconteceu em julho. (LIMA, 1986, p. 85)

O fato é que a Revolução Constitucionalista de São Paulo começa em 9 de julho de 1932 “pedindo o fim do governo e a convocação de uma assembleia constituinte”. (MENDES, 1986, p. 72) A revolução foi vencida pelas tropas federais e seu término se deu em 2 de outubro de 1932. Em 18 de outubro do mesmo ano foi assinada ata de pacificação entre os revoltosos e as forças armadas federais.

2.2.2 JORNAL A GAZETA (SP)

O jornal A Gazeta foi fundado em São Paulo por Adolfo Araújo, em 16 de maio de 1906. O jornal participou das questões políticas e partidárias, dando apoio a esta ou àquela corrente, nas esferas estadual e federal. Seu fundador admitia que tinha preferências políticas, mas que o jornal se pautaria pela isenção e independência.

Essa folha propõe-se ser antes de tudo comercial e informativa e, muito embora o seu diretor manifeste pessoalmente pendores por este ou aquele agrupamento político, a sua orientação obedecerá inexoravelmente à mais inflexível e à mais rigorosa isenção de ânimo enquanto concernir aos litígios partidários. (COHN; HIRANO)

A direção de A Gazeta passou a ser conduzida pelo jornal *Folha de S. Paulo* e seus proprietários - entre eles Otávio Frias de Oliveira - entre 1967 e 1968. Este foi um período de declínio, e o jornal passou a circular com noticiário apenas de esportes, notadamente com destaque ao futebol. Em 2001 o jornal impresso deixou de circular. (RÍMOLI, 2013). Hoje a Gazeta Esportiva existe apenas na Internet.

Esta foi a manchete do jornal A Gazeta, em 11 de julho de 1932, em que deu apoio à revolução paulista:

“De São Paulo partiu o brado da Independência; de São Paulo também parte agora o brado pela Constituição”

2.2.3 A CANÇÃO

O compositor João de Barro, também conhecido como Braguinha, tinha como verdadeiro nome Carlos Alberto Ferreira Braga. A respeito da revolução paulista, Braguinha compôs a marcha “Trem Blindado” em 1933, gravada por Almirante. Na letra há referências sobre o equipamento do exército paulista, que além do trem blindado, tinha capacetes de aço, e uma invenção chamada de matraca.

(...) Otávio Teixeira Mendes criou a matraca, um mecanismo que imitava o som de uma metralhadora, depois usado pelos músicos populares. Com a engenhoca e o segredo bem guardado, conseguiram conter por 20 dias as tropas inimigas, como relatou o major PM Luiz Eduardo Pesce Arruda, pesquisador que se especializou nos assuntos dessa revolução. Outro exemplo – citado por ele – sobre a criatividade dos revolucionários paulistas, foi o uso de trens blindados que se confundiam com trens de cargas. O trem disparava em alta velocidade com as luzes acesas e soldados armados de metralhadoras.” (NOVO MILÊNIO, 2013).

Trem Blindado

“Meu bem pra me livrar da matraca / Da língua de uma sogra infernal / Eu comprei um trem blindado / pra poder sair no carnaval / Mulata por teu encanto / Muito eu levei na cabeça / Porém agora eu duvido / Que isto outra vez aconteça / Do teu falado feitiço / Eu pouco caso hoje faço / Mandei fazer em São Paulo, mulata / Um capacete de aço / Meu bem pra me livrar da matraca/ Mulata quando eu te vi / Logo pedi anistia / Pois os teus olhos lançavam / Terrível fuzilaria / E pra ninguém aderir / Ao nosso acordo amoroso / Botei na porta de casa, mulata / Um canhão misterioso.” (AZEVEDO, 2010, p. 305)

2.3 O ESTADO NOVO - 1937

Getúlio implanta uma ditadura que dura quinze anos para enfrentar inimigos internos e também atravessar o período da Segunda Guerra Mundial.

2.3.1 AGENTES DA NOTÍCIA

O governo Vargas seguia adiante, depois de vencer a revolução dos paulistas em 1932. Em 3 de maio de 1933 são realizadas as eleições para representantes da assembleia constituinte. Em 15 de novembro começam os trabalhos e em dezembro Getúlio se candidata a presidente da República. Getúlio é eleito no ano seguinte pela própria constituinte pelo voto indireto. (FARIA; BARROS, 1986, p. 99)

A nova constituição marcou as eleições presidenciais seguintes para 3 de janeiro de 1938. Os candidatos eram Armando de Sales Oliveira, governador de São Paulo – apelidado pelo povo de Seu Manduca, José Américo de Almeida, ex-ministro dos Transportes de 1930 a 1934 e Plínio Salgado, jornalista, pela Ação Integralista Brasileira (AIB). Além desses, Oswaldo Aranha, embaixador nos Estados Unidos de 1934 a 1937, tentou dar condições à sua candidatura no começo de 1937, mas desistiu. O povo chamava Oswaldo Aranha de Seu Vavá.

Em 1935 acontece a Intentona Comunista, em Natal, RN, que estava programada para explodir em todo o país, mas que fracassa já em seu ponto de partida. Assim, Getúlio usa a tentativa dos comunistas e também o iminente perigo de guerra mundial – que se avisava devido ao crescimento do partido nazista alemão – para implantar o Estado Novo em 10 de novembro de 1937. O Estado Novo instaurou uma ditadura que fechou a Câmara dos Deputados, o Senado, as Assembleias Legislativas estaduais, prendeu fascistas, comunistas e democratas, revogou a constituição de 1934 e colocou outra em seu lugar – de caráter fascista e centralizadora. Também extinguiu os partidos e cancelou as eleições marcadas para acontecer em 1938.

2.3.2 JORNAL O IMPARCIAL, DE SÃO LUIZ – MA

O jornal *O Imparcial* teve sua primeira edição veiculada em 1926, na cidade de São Luiz, no Maranhão. O jornal está em atividade e é o mais antigo do Maranhão, pertencente ao grupo Diários Associados, fundado por Assis Chateaubriand.⁶

O jornal *O Imparcial* publicou na primeira página do dia 11 de novembro de 1937 os seguintes dizeres:

“O Brasil sob novo regimen

⁶ Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Imparcial

Foram dissolvidos, hoje, o senado, a Camara dos deputados e todas as assembleias dos estados, sendo promulgada nova constituição. O presidente Getúlio Vargas falará à nação às 20 horas. Os jornais estão sendo disputadíssimos pela população. Reina absoluta calma.” (sic)⁷

“O paiz foi integralizado no quadro da realidade, e de forma definitiva. Não seria possível, dentro da Constituição de 1934, assegurar os destinos do paiz, entravado no seu desenvolvimento. Felizmente, o descortino politico do sr. Getulio Vargas e a bravura das forças armadas, impediram o desmoronamento do regimen. As medidas de emergencia, ultimamente votadas pelo legislativo, só por si não poderiam salvar o Brasil.”.(Biblioteca Nacional Digital Brasil)⁸

2.3.3 A CANÇÃO

A música a seguir, “A Menina Presidência”, foi gravada em 28 de novembro de 1936, e lançada em janeiro de 1937. Foi a vencedora do concurso promovido pelo jornal A Noite (RJ) que tinha como tema “Quem Será o Homem?”. Tratava das eleições para presidente em 1938.⁹ Seus compositores foram Cristóvão de Alencar e Antonio Nássara. Nássara era amigo de outros compositores e com eles disputava concursos de marchinhas de carnaval: Lamartine Babo, Noel Rosa e Ary Barroso, de quem era vizinho quando menino, no Bairro de Vila Isabel. O intérprete foi Silvio Caldas, que tinha a carinhosa alcunha de “O Caboclinho Querido”. Como que antevendo os acontecimentos, ocorreu exatamente o que afirmava a letra; quem ficou foi Getúlio Vargas.

A Menina Presidência

“A menina Presidência / Vai rifar seu coração / E já tem três pretendentes / Todos três chapéu na mão / E quem será? / O homem quem será? / Será Seu Manduca? / Ou Será Seu Vavá? / Entre esses dois / Meu coração balança / Porque na hora “H” / Quem vai ficar é seu Gegê / Agora todo mundo dá palpite / Mas eu sei que no fim / Ninguém se explica / É melhor deixar como está / Pra depois então se ver / Como é que fica.” (AZEVEDO, 2010, p. 306)

2.4 FIM DO ESTADO NOVO, DEPOSIÇÃO, RETORNO E MORTE DE GETÚLIO VARGAS

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o Estado Novo entra em colapso. Os políticos exigem a redemocratização. Getúlio toma uma série de medidas neste sentido, anistiando os encarcerados políticos e convocando uma assembleia

7 BND Brasil: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=107646&pagfis=20564>

8 BN. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/2350>, <http://memoria.bn.br/docreader/107646/20564>. Acesso em 02/11/2017.

9 Musicaria Brasil. Disponível em: <https://musicariabrasil.blogspot.com.br> Acesso em: 05/11/2017)

constituente que possibilita a reorganização dos partidos em eleições livres. No dia 29 de outubro de 1945, os militares que haviam apoiado o Estado Novo, destituem Getúlio.

As eleições são marcadas para o dia 2 de dezembro do mesmo ano. Deposto, Getúlio se retira em isolamento na Fazenda do Itú, no município de São Borja, Rio Grande do Sul. A campanha eleitoral não indica um candidato favorito, até que Getúlio declara apoio ao General Dutra, que se elege. O governo Dutra coloca o país sob deficiência financeira, causando inflação, carestia e descontentamento popular. As reservas econômicas acumuladas durante a 2ª Guerra Mundial não mais existem. “A balança de pagamentos inteiramente desequilibrada pela política desastrosa de Dutra. Ele permitiu que se esgotassem em quinquilharias as reservas de dólares reunidas durante a guerra [...]”. (RIBEIRO, 1986, item 1.267)

Durante o governo Dutra, mesmo isolado do cenário político, Getúlio recebe visitas de políticos correligionários e de uns poucos jornalistas. Dessas visitas resulta o lançamento de sua candidatura a presidente, em 15 de junho de 1950 com vistas às eleições a se realizar no dia 3 de outubro, também de 1950. (NETO, 2014, p. 177) As eleições de 1950 consagram Getúlio, que vence em 18 das 23 unidades da federação. (RIBEIRO, 1986, item 1.262)

O retorno de Getúlio foi duramente combatido pelo jornalista Carlos Lacerda e seu jornal Tribuna da Imprensa (RJ). Os ataques ao governo Vargas colocam Carlos Lacerda no centro das atenções. Lacerda reúne políticos da UDN e a adesão dos insatisfeitos, inclusive oficiais da aeronáutica, como o coronel-aviador José Chaves Lameirão. Esses oficiais se oferecem para cuidar da segurança de Lacerda.

“Lacerda passa a andar custodiado por oficiais da aeronáutica, como o major Vaz – que morreu – Veloso Burnier, Lameirão e outros que se oferecem espontaneamente para protegê-lo, dizendo: ‘Se lhe acontecer alguma coisa, vai ser apenas mais um jornalista morto no Brasil, e isto continua como está, daí para pior. Se o senhor andar sempre com um de nós e nos acontecer alguma coisa, será um acontecimento da maior gravidade’.” (RIBEIRO, 1986, item 1.395)

Em 5 de agosto de 1954 Lacerda sofre um atentado em frente sua casa, na Rua Toneleiros, bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Estava em companhia de seu filho e também do major Vaz, da aeronáutica. Lacerda é ferido no pé e o major Vaz morre.

A apuração do crime aponta para Gregório Fortunato, membro da guarda pessoal de Getúlio. Ao saber do atentado Getúlio comenta: “O tiro que matou o major Vaz me acertou pelas costas.” (RIBEIRO, item 1.398) A crise política se agrava atingindo a área militar. A Marinha, Aeronáutica e o Exército, juntamente com políticos e também Carlos Lacerda, exigem a renúncia de Getúlio Vargas. Em 22 de agosto 1954 o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Mascarenhas de Moraes, recebe a incumbência de levar pessoalmente o ultimato a Getúlio, exigindo sua renúncia. Getúlio afirma ao Marechal: “Não renuncio; daqui só sairei morto e o meu cadáver servirá como protesto contra essa injustiça.” (NETO, 2014, p. 331) Dois dias depois, Getúlio Vargas dá fim à própria vida com um tiro no coração.

2.4.1 JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA (RIO DE JANEIRO)

O jornal Tribuna da Imprensa foi fundado por Carlos Lacerda em dezembro de 1949 no Rio de Janeiro. Lacerda começou na carreira jornalística aos 15 anos. Em 1945 trabalhou como *free-lancer* no jornal Correio da Manhã, onde tinha um espaço chamado *Na Tribuna da Imprensa*. Lacerda se desliga do Correio da Manhã, mas consegue o direito de usar o nome de sua coluna, que deu assim, o nome ao seu periódico. Lacerda foi também vereador pelo Distrito Federal, eleito em 1947, pela União Democrática Nacional (UDN), e por esse partido urdiu feroz oposição ao governo Vargas. Mesmo antes da eleição, Lacerda já se manifestava contra Getúlio. Disse Lacerda em 1950, em seu jornal: “O senador Getúlio Vargas não deve ser candidato. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse...” (NETO, 2014, p. 199)

Esta foi a manchete da *Tribuna da Imprensa*, no dia 6 de agosto de 1954, um dia depois do atentado sofrido por Lacerda, que levou um tiro no pé e que provocou a morte do major Vaz.

“A Nação exige o nome dos assassinos”

Um grupo de capangas tenta assassinar Cárlos Lacerda – Morto, com dois tiros no coração, o major-aviador Rubens Florentino Vaz, amigo do jornalista – Lacerda, apesar de ferido, travou tiroteio com o único assassino visível – Sérgio, filho mais velho de Lacerda, saiu ileso”. (sic).

2.4.2 JORNAL ÚLTIMA HORA (RIO DE JANEIRO)

A primeira edição do jornal Última Hora (RJ) foi lançada em 12 de junho de 1951. O jornal foi fundado por Samuel Wainer para ser o único a defender o governo Vargas. O Última Hora também sofreu ataques de Carlos Lacerda por meio da *Tribuna da Imprensa*, mesmo depois da morte de Getúlio; sobretudo pelo apoio que deu aos governos posteriores de João Goulart e de Juscelino Kubitschek. O periódico circulou no Rio de Janeiro e também em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, Niterói e Curitiba. Além da política, o jornal tratava de temas populares como criminalidade, cinema e futebol. Outro dado importante é que o Última Hora foi o primeiro jornal do Brasil a fazer uso constante de cores, ilustrações e fotos. O jornal deixou de circular definitivamente em 1971. (BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2011) “O Última Hora, de Samuel Wainer, único jornal que apoia Getúlio, é objeto de uma campanha odienta de Carlos Lacerda e Assis Chateaubriand, a que se juntam O Globo e todos os parlamentares da reação”. (RIBEIRO, 1986, item 1.347)

Esta foi a manchete do jornal Última Hora, no dia 24 de agosto de 1954:

“Matou-se Vargas! O presidente cumpriu a palavra: ‘Só morto sairei do Catete’”.

2.4.3 A CANÇÃO

Getúlio Vargas estava isolado em São Borja e ainda não tinha lançado seu nome às eleições para presidente em 1950. Entretanto, a mera cogitação de sua candidatura trouxe inspiração aos compositores João de Barro e José Maria de Abreu, que compuseram a marcha “Ai Gegê”. A música fala em tom saudosista dos governos anteriores de Vargas, da inflação e da carestia que assolava a população na gestão do governo Dutra. A canção foi interpretada pelo cantor Jorge Goulart e lançada em março de 1950. (RIBEIRO, 1986, item 1.281)

“Ai Gegê”

“Ai Gegê / Ai Gegê / Ai Gegê Que saudades / Que nós temos de você / O feijão subiu de preço / O café também subiu / Carne seca anda por cima / Não se passa pra ninguém / Tudo sobe, sobe, sobe / Todo dia no cartaz / Só o pobre do cruzeiro / Cada dia desce mais”¹⁰

2.4.4 A CANÇÃO

Dentro do contexto de culto à pessoa de Getúlio, estabelecido na ideologia do Estado Novo, entre 1937 e 1945, um decreto foi assinado ordenando a afixação do retrato do chefe da nação em todas as repartições públicas.¹¹

O lançamento à candidatura em 1950 inspirou os compositores Haroldo Lobo e Marino Pinto, que compuseram esta marchinha de carnaval como jingle de campanha, fazendo referência ao decreto sobre a foto do presidente. O intérprete foi Francisco Alves, chamado também de Chico Viola, um dos mais populares da época. A canção foi a mais tocada nos salões de carnaval em 1951. (NETO, 2014, p. 201)

Retrato do Velho

“Bota o retrato do velho outra vez / Bota no mesmo lugar / Bota o retrato do velho outra vez / Bota no mesmo lugar / O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar / O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar / Eu já botei o meu / E tu não vais botar / Eu já enfeitei o meu / E tu não vais enfeitar / O retrato do velhinho faz a gente trabalhar...”¹²

3. CONCLUSÃO

A primeira observação a ser destacada é que a visão sobre o período abordado pode ser feita sob três aspectos: pela historiografia acadêmica, pela interpretação feita

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5za4v7rTLs>. Acesso em: 14/11/2017.

11 AES Sul Distribuidora de Energia S.A. - Projeto Getúlio Vive. Disponível em: <http://historiavivaessul.com.br/blog/sabia-dessa/retrato-velho/>. Acesso em: 14/11/2017.

12 Blog História Viva - AES Sul. Disponível em: <http://historiavivaessul.com.br/blog/sabia-dessa/retrato-velho/>. Acesso em: 08/11/2017.

pelos jornais, e por meio da canção popular, na expressão de seus compositores e artistas. Pode-se analisar o fato separadamente ou no conjunto desses três itens, o que neste caso, enriquece de sobremaneira a interpretação do ocorrido: o foco pela história, pela imprensa e pela canção. Desta forma vislumbra-se um novo panorama ao contexto.

O segundo aspecto conclusivo é que os jornais, como um dos mais antigos veículos de comunicação, sempre estiveram no protagonismo no que se refere a moldar o pensamento da sociedade. Seu poder de influência é notório quando observamos que os jornalistas da época influíram politicamente nos destinos do país. Seus periódicos arrastavam o pensamento da população conforme suas declaradas preferências políticas expressadas em seus periódicos. Desta forma guiavam os movimentos e mudanças político-sociais.

O terceiro aspecto observado como conclusão é que muitas canções populares simplesmente não existiriam se não fosse o tratamento e o reforço dado pela mídia impressa, que levou em consideração os critérios de noticiabilidade. É de se observar também que existe um contraste entre as notícias estampadas nas primeiras páginas e as letras das músicas; as primeiras em tom formal ou bombástico, e as segundas em tom quase sempre de deboche e bem-humoradas.

A penúltima observação mostra que, com a ação dos compositores, a notícia veiculada pelos jornais ganhou extensão ao longo do tempo, ratificadas em forma de canção. Toda vez que alguém canta uma música sobre um acontecimento do período Vargas, está prolongando o fato noticioso. Este prolongamento da notícia via canções se dá quando as mesmas são executadas em bailes de carnaval, rodas informais de músicos, apresentações em espetáculos ou no rádio, com a execução da gravação original, ou pela regravação de artistas das gerações adiante.

Este feito abrange um incontável número de pessoas, visto que a aceitação via audição, não carece de pesquisas a fontes e arquivos; basta simplesmente ouvir. Essas canções populares estão marcadamente presentes na cultura brasileira, profundamente enraizadas e difundidas na música nacional, e fazem parte da história oficial artística do Brasil.

Por último conclui-se que olhando para o passado, constata-se que este parâmetro fato/notícia/canção, não existe mais. Com raríssimas exceções encontra-se hoje algum compositor que se proponha a tratar de temas políticos e sociais. Quando muito aparece alguma música falando genericamente sobre platitudes e sem citar nomes. Essa verdadeira auto mordação injustificável da classe artística musical atual, provoca a inevitável comparação com o que ocorreu no passado. Os compositores de hoje passam ao largo de questões que os compositores do passado não deixaram de abordar. Causa mais espanto ainda se confrontarmos com a quantidade de veículos midiáticos existentes hoje, com os do período getulista. Mais que isso, não só a produção informativa é mais abundante como também o são as inúmeras formas de veiculação da notícia, no que se refere aos meios virtuais.

Tal silêncio seria justificável se vivêssemos sob atroz censura na mídia e aos direitos individuais como foi no passado. Contudo, em plena democracia, no que

se refere aos direitos de liberdade de expressão e liberdades individuais, não existir compositores que falem do momento atual - carregado de descabros políticos e criminais, com farta produção informativa, só reforça a ideia de que pesquisas futuras neste sentido são necessárias para entender e explicar esse estranho silêncio. Da tríade que deu origem a esse artigo; fatos noticiosos/jornais impressos/canções, só existem hoje os dois primeiros.

REFERÊNCIAS

ALBIN. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/>. [consultado a 30 de outubro de 2017].

AES Sul Distribuidora de Energia S.A.- *Projeto Getúlio Vive*. Disponível em: <http://historiavivaessul.com.br/blog/sabia-dessa/retrato-velho/>. [consultado a 14 de novembro de 2017]

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (2010). *A História Cantada do Brasil em 78 Rotações*. Edições UFC – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/11_AhistoriacantadadoBrasil.pdf

BLOG DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <https://blogdabn.wordpress.com/tag/carlos-lacerda/>. [consultado a 15 de novembro de 2017]

BLOG DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UCS. *Sobre a Última Hora*. Disponível em: <https://bibliotecaucs.wordpress.com/2011/06/02/jornal-ultima-hora-acervo-online-de-fotos/>. [consultado a 16 de novembro de 2017].

BRASIL, Bruno. *Correio da Manhã*. Biblioteca Nacional Digital Brasil, 2014. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>. [consultado a 24 de outubro de 2017].

_____. *Diário de Notícias do Rio de Janeiro*. Biblioteca Nacional Digital Brasil, 2015. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-noticias-rio-de-janeiro-1930>. [consultado a 25 de outubro de 2017]

CARONE, Edgard (1982) . *A República Nova – corpo e alma do Brasil*. São Paulo: Editora. Difel.

COHN, Amélia; HIRANO, Sadi. *A Gazeta*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC – FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GAZETA.%20A.pdf>. [consultado a 4 de novembro de 2017].

EBC – Empresa Brasil de Comunicação. *Rádio Nacional 80 anos*. Disponível em <http://www.etc.com.br/especiais/radionacional80anos>. [consultado a 06 de novembro de 2017]

FARIA, Antonio Augusto (1986); BARROS, Edgard Luiz de. *Getúlio Vargas e sua época*. São Paulo: Editora Global.

FNB. Documentos literários: Nelson Werneck Sodré escreve sobre a Era Vargas. Blog da Biblioteca Nacional, 2017. Disponível em: <https://blogdabn.wordpress.com/tag/getulio-vargas/>. [consultado a 3 de outubro de 2017].

GOULART, Silvana (1990). *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Editora. Marco Zero, MCT/CNPq.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do Século XX*, 2017. Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/cultura>. [consultado a 3 de novembro de 2017].

LAPICIRELLA, Roberto (1996). Antologia musical Brasileira- as marchinhas de carnaval. São Paulo: Musa Editora.

LIMA, Valentina da Rocha (1986). *Getúlio: uma história oral*. São Paulo: Editora Record.

MENDES, Oswaldo (1986). *Getúlio*. São Paulo: Ed. Moderna.

NETO, Lira (2012). Getúlio – 1882-1930. *Dos anos de formação à conquista do poder*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2013). Getúlio – 1930-1945. *Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo, ed. Companhia das letras.

_____. (2014). Getúlio – 1930-1945. *Da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo, ed. Companhia das letras.

Novo Milênio. *Revolução de 1932*. Novo Milênio Especial, 2013. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/festas/1932sp39.htm>. [consultado a 07 de novembro de 2017].

RIBEIRO, Darcy (1986). *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara dois.

RÍMOLI, Cosme. *Chupa Corinthians!* R7, 2013. Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/o-jornalismo-esportivo-impresso-agoniza-no-brasil-isso-explica-a-manchete-do-lance-carioca-chupa-corinthians-nao-e-ofensa-e-um-grito-de-dor-de-desespero-de-falta-de-rumo-de-medo-do-fim-28012013/>. [consultado a 4 de novembro de 2017]

O JORNAL IMPRESSO COMO INTERMEDIÁRIO ENTRE O FATO NOTICIOSO E A CANÇÃO POPULAR DURANTE O GOVERNO GETÚLIO VARGAS

ABSTRACT

This article intends to show the role of intermediary that the printed newspaper represented, between the agents of the news and the Brazilian musical production. The period includes the government of Getúlio Vargas; from his arrival in power in 1930 until his death in 1954. The choice of period was due to the intense turbulence between revolutions, coups and counter-coups, as well as a world war that shook the political structure of the world and Brazil. These events generated a great amount of news presented in the first pages, showing the position of the newspapers; now fighting, or approving the political moment. The journalistic fact guided the newspaper, and the newspaper inspired artists and composers. The latter created songs that have been perpetuated for generations. Thus, the journalistic event in the form of a song is prolonged through time. The structure of the work consists first of contextualizing the historical event, then the journalistic treatment of the fact, and finally the song born of the news.

Keywords: Getúlio Vargas, newspaper, journalism, Golden Age of Radio, Golden Age of Brazilian Music.

Recebido: 31 de janeiro de 2018.

Aprovado: 02 de maio de 2018.